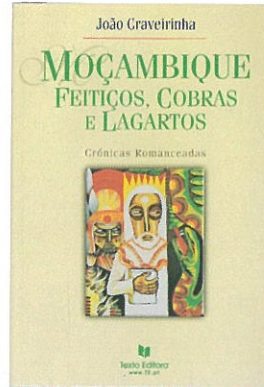
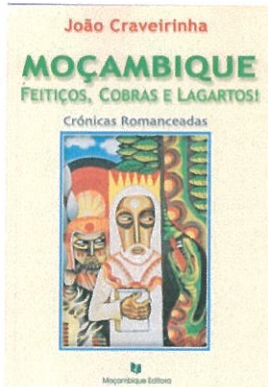


João Craveirinha – Curriculum Literário recente 2005

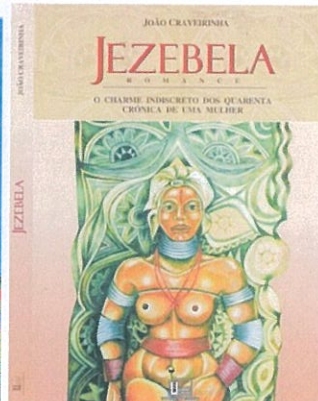
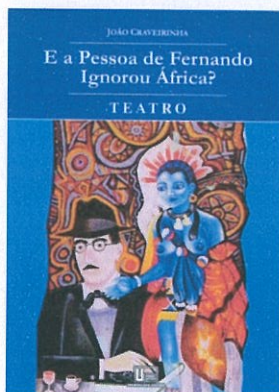
05 Edições de livros de João Craveirinha nas livrarias em Portugal, Suécia, Alemanha, Brasil (uma edição de Moçambique) e uma proposta do Romance JEZEBELA para Edição Alemã em Frankfurt. Todas as Capas são Pinturas do Autor expostas em exposições em Portugal e na Bélgica (Bruxelas).



Em segunda edição a caminho da terceira

Maputo: Apresentação do Livro Moçambique, Feitiços...

Da esquerda para a direita: Adido Cultural, Embaixador de Portugal em Moçambique. Vice – Ministro da Cultura de Moçambique Luís Covane, Dona Edite da Minerva Central e o autor João Craveirinha.



Romance com proposta de estudo de edição Alemã

JEZEBELA Eine atemberaubende Schönheit in den Vierzigern Chroniken eine modern Frau aus Afrika

PORTUGAL – Lisboa, Setembro/ Outubro 2005 – APRESENTAÇÕES de 3 Livros de João Craveirinha, no Palácio Galveias coordenadas pelo Poeta Moçambicano DELMAR. (1. Teatro; 2. Romance Jezebel ; 3. O Macaco Macaquinho, Macaco Macacão – Literatura Infantil)



21 Setembro 2005 Apresentação do livro de Teatro sobre Fernando Pessoa pelo Dr. Eugénio Costa Almeida. (Mestre em Relações Internacionais)

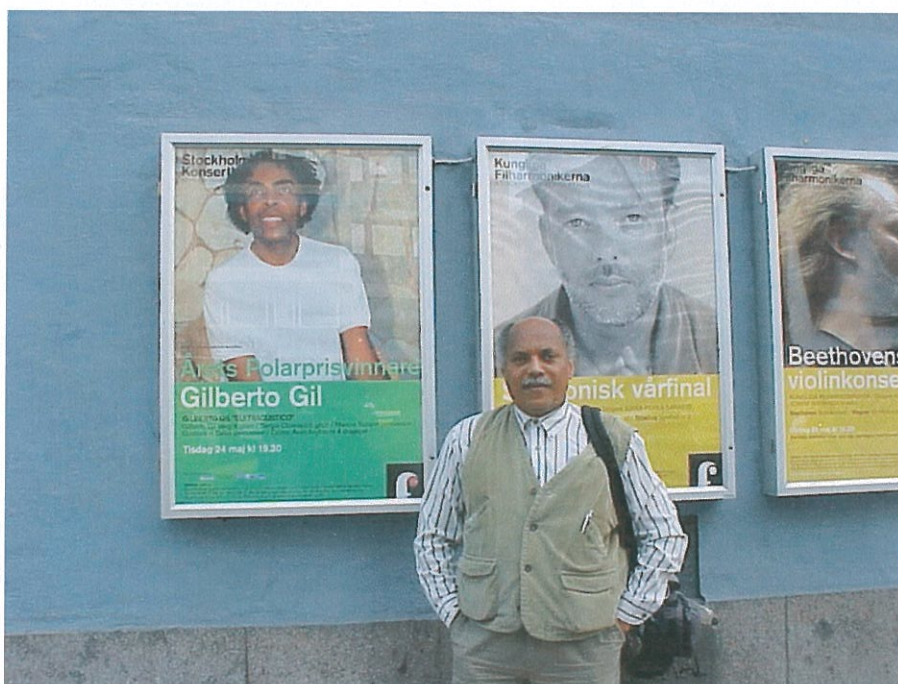


28 Setembro 2005 – JEZEBELA pela Dra. Isabel Carreira (Literaturas)



06 Outubro 2005 – Literatura Infantil do autor apresentada pela Prof. DRA Glória Bastos e Alexandre Honrado

SUÉCIA – Estocolmo – na imagem a 24 Maio 2005 – defronte do “ Palácio Nobel”

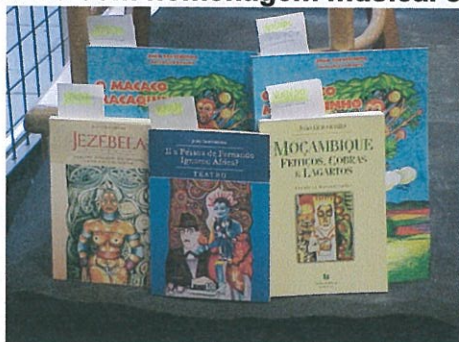


Lançamento de seus 4 Livros. Apresentações em português e espanhol na Livraria Latino-americana e Palestra em inglês sobre Arte Moderna no Museu Etnográfico (Etnografiska Museet, Djurgårdsbrunnsvägen 34), respectivamente.

Imagens – SUÉCIA, Abril / Maio 2005 – O autor JC na Universidade de Estocolmo “orientando uma aula” de (Letras) em Português, a 27 de Abril e defronte do Palácio da Cultura onde se entrega o Prémio Nobel, com o actual vice – Ministro de Negócios Estrangeiros de Moçambique, na altura Embaixador para os Países Nórdicos e do Báltico.



Lançamento na Libreria Latinoamericana em Drottninggatan 91 – Centro de Estocolmo com homenagem musical e poesia sul-americana, ao autor.



Alemanha – Bona – sede da Rádio Deutsche Welle – Maio 2005
Public Broadcasting Service - Kurt-Schumacher-Str. 3 - 53113 Bonn



ALEMANHA – Frankfurt – Maio 2005 – Lançamento e Apresentação de sua obra literária na Livraria TFM e Universidade de Colónia (Alemanha), Departamento de Literaturas em Língua Portuguesa.



Introdução ao autor João Craveirinha em alemão:

Sehr geehrter Damen

sehr geehrte Herren,

ich betreue aus alter Verbundenheit den Mosambikahnischen Schriftsteller, Poet, Journalist, Bildhauer und Maler, João Craveirinha als Literaturagent hier in Deutschland.

Er hat mir vor kurzem mitgeteilt, dass er in der Zeit vom 9.-14. Mai 2005 in Köln weilt und gerne der Portugiesisch-sprachigen Afrika Redaktion der Deutschen Welle in Bonn im Rahmen eines Interviews seine alten und neuen Werke vorstellen möchte. Gerade eben sind in der Universitaria Editora, Lissabon, seine beiden neuen Bücher "E A PESSOA DE FERNANDO IGNOROU ÁFRICA" und "O Macaco Macaquinho, O Macaco Macacão e outros

contos" erschienen. Zudem eröffnet er am 23. April 2005 im Etnografiska Museet zu Stockholm eine Ausstellung Mosambikanischer Kunst. Er fragt an, ob Sie an einem Interview in der Woche vom 9. - 14. Mai 2000 interessiert sind. Das Ganze wäre für Sie kostenlos, da ich sowohl die Organisation und Kosten der Hinreise und Rückreise nach Bonn übernehme. Ich wäre Ihnen sehr verbunden, wenn Sie mir zum Anliegen von Herrn Craveirinha kurzfristig eine Rückantwort geben könnten, damit er seine Termine entsprechend disponieren kann.

Ich würde mich freuen, bald von Ihnen zu hören und

verbleibe mit freundlichen Grüßen

Günter Wiedenhöfer

PS: Als Anlage erhalten Sie seine **Biographie**



João Craveirinha, Mosambikahnischer Schriftsteller, Poet, Journalist, Bildhauer und Maler, wurde 1947 auf der Ilha de Moçambique, in der nördlichen Provinz Nampula geboren. Mit drei Jahren zog er mit seinen Eltern in die Hauptstadt Lourenço Marques (dem heutigen Maputo). Literatur, Kultur und Sport haben die Geschichte seiner Familie geprägt. Nachhaltigen Einfluss auf sein literarisches Schaffen hatten sein Vater und der überaus verehrte Onkel und Poet José Craveirinha (Preisträger des Prémio Camões 1991). Als junger Schriftsteller war João keiner, der die Welt nur vom Schreibtisch aus verändern wollte. Wenn er von einer...

No Prelo: Um Poeta Nunca Morre – In Memoriam de José Craveirinha (crónicas familiares ilustradas) – Aspectos inéditos da Vida e Obra do Poeta José Craveirinha – do nascimento à sua morte. (Inclui CD musical com voz ao vivo do Poeta homenageado).

2. Teatro – “E a Pessoa de Fernando Ignorou África?”

www.universitariaeditora.com

(autor João Craveirinha, Universitária Editora de Lisboa, 2005);

Lançamento efectuado no Palácio das Galveias, Lisboa, 21 Setembro 2005 –
Capa, Pintura de João Craveirinha (de 1989 / 90) e layout interior.

Apresentação da obra

por Eugénio Costa Almeida

Boa Noite,

Quero, em primeiro lugar, agradecer a honra que o autor, João Craveirinha (JC), me concedeu ao convidar para efectuar a apresentação da obra que hoje é lançada “E a Pessoa de Fernando Ignorou África?”; uma peça de Teatro que o autor preparou para ser, e almeja, um dia – que espero não longínquo – levada a cena como uma Opereta.

JC faz um abordagem, diria inédita, do poeta Fernando Pessoa, quando já reconhecido internacionalmente mas intercalando, a espaços e com uma sequência brilhante, partes históricas da África do Sul onde o poeta viveu durante cerca de 10 anos.

Dez gloriosos anos vividos na maior parte do tempo em Durban onde estudou e obteve um dos maiores galardões que um qualquer estudante poderia obter numa escola sul-africana: o prémio “Queen Vitoria Memorial Prize”, pelo melhor ensaio de estilo inglês. Cem anos depois essa escola, a Durban High School, imortaliza-o colocando um busto seu, perto da biblioteca numa ala que passou a ser conhecida por “dead poets”.

Pois esta obra que mais que uma peça de Teatro é, claramente, um ensaio teatralizado da vida do poeta nos loucos anos que antecederam a II Guerra Mundial, que levaram à queda da I República Portuguesa e ao início do “apartheid”. E, em simultâneo, é aproveitado o lado místico e esotérico do poeta (não esquecer, e o autor não o esquece, que Pessoa foi o tradutor “oficial” do místico inglês Charles Leadbeather, de quem se tornou amigo e de quem mais tarde se afastou) ao projectar como uma das principais personagens da obra o espírito de uma princesa suazi-ronga (gravura representada na capa) que tenta (re)atrair Pessoa para as questões africanas e que este parece ter esquecido algures na sua imensa obra.

(E se analisarmos a obra de Pessoa e todos os que a têm estudado, constata-se que a passagem africana está unicamente consubstanciada na ida para Durban, nos estudos locais e no regresso a Portugal, com passagem pelo Brasil).

Pois é isto que JC tenta evidenciar nesta obra.

Mas JC não se fica pela vida intelectual do poeta. Este é o princípio que norteia o enredo de “E a Pessoa de Fernando Ignorou África?”. JC analisa a crise sul-africana que antecede o “apartheid” trazendo à colação personalidades como Hendrik Verwoerd (líder bóer), Winston Churchill (enquanto jovem repórter de guerra inglês), Mahatma Gandhi (quando ainda jovem e apaziguador advogado), Albert Luthuli (líder anti-apartheid e primeiro Nobel da Paz sul-africano) e *last, but not least*, Nelson Mandela, (embora como kota – o mais - velho – o líder da conciliação).

Mas aborda também – não esquecendo a sua veia histórico -investigadora que bem se lhe reconhece – as evoluções políticas ao longo dos anos, com particular destaque para os 8 Impérios.

O autor faz-nos caminhar do 1º império, o dos Faraós, até ao emergente 8º império, o do Dragão chinês (e aqui quero levantar um pequeno parêntesis: o autor mostra a sua vertente prospectivista e investigadora da geo-estratégia ao admitir já em 1996/97, período em que esta obra foi escrita, a emergência deste 8º império), passando sucessivamente, pelos dos Caldeus, Sírios, Romanos, Português (aqui permito-me divergir da afirmação do autor, já que considero que este Império, embora de início português, acabou por se tornar luso-britânico), Soviético e o da Águia Americana.

Mas é o neo-império chinês que nos começa a preocupar e que o autor deixa subentendido no final da III Cena do II Acto. Um emergente império que parece já querer, também, continuar a asfixiar África, na linha dos seus três ancestrais impérios. Uma asfixia lenta e envolvente que já perdura há dezenas – centenas – de anos. Os têxteis sul-africanos já o sentem. Populacionalmente, alguns países também.

E esta maravilhosa e mística África (onde Pessoa parece ter bebido o seu esoterismo) que JC pergunta se a Pessoa de Fernando ignorou?

Esta África que Luthuli, a certa altura, na cena III do VI Acto, grita “Hosi Sikê-léla Afrikaa” (Deus erguerá África)

A África que devemos ser nós a nos preocuparmos em a erguer, embora com a ajuda de Deus. “BaNto na Hosi Sikê-léla Afrikaa”

Kandandu África
Kanimambo João Craveirinha

Kanimambo

Eugénio Costa Almeida
(Luso - angolano, Mestre em Relações Internacionais)
Lx. 21.Setembro.2005

3. Crítica Literária do Brasil do Romance 'Jezebel'

LETRAS

'Jezebel', romance da lusofonia

Adelto Gonçalves

João Craveirinha, 58 anos, sobrinho do poeta José Craveirinha (1922-2003), nasceu na Ilha de Moçambique. Bastariam esses dois pormenores para justificar a apresentação de um escritor. Afinal, José Craveirinha, nascido na antiga Lourenço Marques, hoje Maputo, foi o maior poeta africano de língua portuguesa e não são poucos aqueles que ainda acreditam que o dom da poesia seja transmitido por genes, embora essa afirmação contrarie tudo o que ensina a Antropologia.

Além disso, a mítica ilha de Moçambique, capital das possessões portuguesas da contra-costa africana até 1897, abrigou, em épocas diversas, dois dos maiores poetas da língua portuguesa — Luís de Camões (1524(?)-1580) e Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) —, além de ter sido visitada durante três dias por Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) em 1786, e cantada, nos últimos tempos, por outros grandes poetas como Jorge de Sena (1919-1975), Rui Knopfli (1932), Alberto de Lacerda (1929), Virgílio de Lemos (1929) e Luís Carlos Patraquim (1953). Portanto, nascer na antiga Muipiti, dos macuas, à beira do Oceano Índico, constitui um compromisso com a sensibilidade, com a poesia.

Com todas essas ligações sentimentais, João Craveirinha não podia deixar de ser também homem sensível, o que já deixara claro em sua carreira como pintor, com obras que estiveram em exposição em várias cidades portuguesas, Maputo, Joanesburgo e Bruxelas, além do Principado de Andorra. Artista plástico, designer gráfico e de publicidade, ele foi também animador cultural e realizador de rádio e televisão em Moçambique e é cronista de vários jornais de Moçambique e de sites, como Zambezia On Line (<http://www.zambezia.co.mz>), além de ativista político com participação em várias edições do Fórum Contra a Exclusão Social de Minorias e Sobre Cooperação e Desenvolvimento em Bruxelas, Estrasburgo e Luxemburgo, patrocinados pelo Parlamento Europeu e Comissão Européia na década de 1990.

Depois de publicar, em 2001, *Moçambique Feitiços, Cobras e Lagartos*, Craveirinha lança-se, em 2005, como romancista, ao dar à estampa *Jezebel — O Charme Indiscreto dos Quarenta — Crônica de Uma Mulher*, num ano em que colocou no mercado de uma só vez mais cinco livros: *O Macaco Macacão e o Macaco Macaquinho e outros contos* (literatura infantil); *A Pessoa de Fernando Ignorou a África?* (teatro); *In Memoriam de José Craveirinha — Um Poeta Nunca Morre* (com CD); *Crônicas da Aldeia Global*; e *Crônicas do Futebol no País da Marrabenta*, todos pela Universitária Editora, de Lisboa.

Jezebel, que surpreende logo a partir da capa que reproduz a imagem de um nu feminino pintado pelo autor, é, nas palavras de seu criador, a crônica

romanceada de uma africana moderna diante da globalização e da história comum de Portugal, Moçambique e Brasil, a uma época em que o mundo ocidental parece não compreender as outras culturas, especialmente a islâmica, o que tem precipitado o tão anunciado choque de civilizações.

Como observou no prefácio o poeta Calane da Silva, professor da Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo, *Jezebel* constitui uma maneira engenhosa que Craveirinha encontrou para unir num romance crônicas, palestras e entrevistas que deu em várias ocasiões à imprensa ou à televisão de Moçambique, discutindo aspectos sócio-históricos e da etno-história moçambicana. Assim, em vez de publicar mais um livro de crônicas, o autor preferiu abrir-se para uma nova experiência literária em que se sai muito bem porque o livro não perde a linguagem despretensiosa das crônicas e ainda ganha ritmo romanesco.

De fato, a história de amor de Jezebel Lopes Castanheira, nascida em Quelimane, filha de pai português e mãe africana, e crescida à beira do Minho, com Vanderley Jansen Caetano de Menezes, natural da Beira, do bairro crioulo da Manga Loforte, ao percorrer toda a narrativa, seduz com certa malícia o leitor que, ao mesmo tempo, quase sem sentir, vai adquirindo informações preciosas sobre a história de Moçambique, desde a época da colonização portuguesa, que, provavelmente, só encontraria se se dispusesse a ler os cartapácios de História, com suas extensas notas de rodapé.

Jezebel, divorciada, quarentona de porte atlético, mãe de Luana, passa a viver com Vanderley, formado em Psicologia, pai de um menino. Enquanto vivem a febre de amor dos primeiros anos, conversam, vêem a TV Miramar, de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), que retransmite os programas de Raul Gil e Netinho, da Rede Record, de São Paulo, sucessos de audiência no país, e lêem artigos do cronista João Craveirinha nos jornais.

Eis aqui um grande exercício de metalingüística, em que o autor aparece como protagonista de um romance escrito em terceira pessoa, a exemplo do que fez o argentino Ernesto Sábato (1911) em *Abaddón El Exterminador* (1975). Seus textos publicados anteriormente em outros veículos ou palestras dadas em instituições são discutidos por seus personagens, que freqüentemente se referem a eles com ironia e, às vezes, até desprezo, embora sempre haja quem também os aprove. “Então, Vander, gostaste da

palestra de João Craveirinha? Pergunta Carol Mahamude. — Assim, assim. O fulano é um convencido. Julga que sabe muito. Um zanolho no meio de ceguetas...”, lê-se à página 97. “Não sejas invejoso, amor... eu gostei. Aprendi muito! Arremata Jezebel”, lê-se a seguir.

Como se vê, *Jezebel* é, antes de tudo, um romance de corte autobiográfico, com uma estrutura narrativa aparentemente fragmentária, que serve para o autor expor suas idéias sobre as questões suscitadas pela realidade multicultural do povo moçambicano, como os traumas transgeracionais deixados pela escravatura na Zambézia.

Diz Craveirinha, através de seu personagem Vanderley, que esses traumas deixaram em alguns complexos de inferioridade como fruto da herança servil colonial em relação ao europeu e mesmo ao goês ou indo-português. Noutros, diz, deixaram a superstição da crença em espíritos desencarnados e encarnados a cobrar dívidas passadas de tempos em que foram maltratados como escravos em determinada família de senhores de prazos brancos e mestiços e sinhás — donas negras e mestiças.

A luso-africana Jezebel convive num ambiente híbrido, multi-étnico e religioso em Moçambique e, depois, em Portugal. No fim da vida, regressa à terra de origem, voltando para Maputo, para viver sozinha, depois de pagar “um preço muito grande pela sua libertação e emancipação feminina”.

Já Vanderley, separado de Jezebel, recebe um convite para exercer psiquiatria clínica em Curitiba, onde conhece um novo amor, Alicia Mei Ling, moçambicana de origem chinesa, nascida em Lourenço Marques e crescida na Mafalala, refazendo-se, assim, o percurso da lusofonia.

Atam-se, dessa maneira, os laços com os remanescentes do êxodo sino-moçambicano que se deu com a descolonização em 1975 e retomou um périplo que começou com a fuga de chineses para Hong Kong, depois da luta entre nacionalistas e os comunistas de Mao Tse Tung, passando por Macau e Moçambique, até chegar, por fim, às cidades brasileiras de São Paulo e Curitiba.

Como se vê, *Jezebel* reúne personagens que quase nunca encontramos na literatura de língua portuguesa, embora, diariamente, deparemo-nos com elas nas ruas de nossas cidades. Por tudo isso, justifica-se atribuir a Craveirinha o mérito de ter escrito o romance da lusofonia.

JEZEBELA — O CHARME INDISCRETO DOS QUARENTA/CRÓNICA DE UMA MULHER, de João Craveirinha. Lisboa, Editora Universitária, 248 págs, 2005. www.universitariaeditora.com (livro apresentado em Lisboa em 28 de Setembro 2005 no Palácio Galveias pela dra Isabel Carreira)

Adelto Gonçalves é doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e *Bocage – o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: adelto@unisanta.br

4. O macaco macaquinho e o macaco macacão

e outras histórias... (Literatura infantil) www.universitariaeditora.com

Texto de apresentação do livro de João Craveirinha,

por Glória Bastos

Com este livro, João Craveirinha transporta-nos até ao universo da tradição oral africana e ao “era uma vez...” que povoa igualmente as minhas/nossas – europeias e ocidentais – memórias de infância.

Na verdade, as seis narrativas que compõem o volume hoje aqui apresentado, são todas introduzidas por essa expressão mágica que, de imediato, nos situa num imaginário ancestral que todos partilhamos de alguma forma, embora assumindo depois realizações distintas, de acordo com as respectivas geografias.

Mas estes textos remetem-nos para contextos sociais precisos, distinguindo-se aqui duas dimensões. Por um lado, temos a dimensão simbólica, na medida em que estas histórias de animais, na esteira da tradição africana ancestral de contar fábulas, remetem para as relações sociais entre os homens ou, se preferirmos, para as questões do exercício do poder, retratando-se comportamentos e valores como a ambição, a justiça, a generosidade, ou a intriga. Neste sentido, a narrativa aponta sempre no final, e

de forma explícita, para uma lição de ética ou moral – seguindo aqui a estrutura que caracteriza a fábula de matriz ocidental.

Em alguns momentos deparamos também com outras filiações da narrativa, como o conto etiológico, presente na história número 3 – INGONHAMA O LEÃO, FISSI A HIENA, O CAMALEÃO E SUNGURA A LEBRE – quando na página 32 se diz que “A partir daí as hienas passaram a andar às escondidas de noite a roubar comida e os restos de outros animais mortos. E é por isso que as hienas e os leões são grandes inimigos até hoje”.

Um outro elemento que sobressai neste contos é ainda a remissão para um contexto social real, em apontamentos que localizam o leitor ou ouvinte perante cenários humanos – porque as figuras intervenientes são agora pessoas e não animais – que caracterizam aspectos da sociedade africana actual. É o caso da abertura da primeira história – o macaco macaquinho e o macaco macacão – que nos apresenta uma cena familiar, de um menino com a mãe e a avó, em que a televisão e as telenovelas são referenciais facilmente reconhecíveis. Ou as duas últimas histórias, que se diz serem contadas por “vovô Mussa, antigo combatente pela Independência de Moçambique”.

Esta intromissão do real no simbólico apresenta um outro aspecto que merece a nossa especial atenção. Pensemos nos papéis que a literatura oral africana assume – à semelhança, aliás, do que acontece com a literatura de tradição oral da cultura ocidental – o papel educativo e o papel recreativo. O papel educativo é geralmente pontuado pela figura do contador, que veicula a história e a lição que a acompanha. Em alguns destes contos essa figura foi transportada para dentro da história. Eu explico. Na literatura de transmissão oral a figura do contador é central, na medida em que é através dele que o ouvinte contacta com a história; o contador é, assim, um iniciador nos segredos do mundo, das coisas que nos rodeiam. Esse contador geralmente é um adulto, um velho, uma vez que a experiência de vida constitui um traço importante na figura desse iniciador. E os ouvintes (os iniciados) serão jovens, crianças que assim descubrem os meandros da vida e do homem.

Ora esta situação enunciativa, que é externa ao texto, no caso do livro de João Craveirinha foi transportada para dentro do texto. Isto é, o acto de contar histórias é ele próprio encenado dentro das histórias e cumprindo os preceitos exigidos pela função. Por exemplo, na primeira narrativa, é a avó (e

não a mãe, embora também seja referida no texto) que conta ao neto a história do macaco macaquinho. E é o vovô Mussa que conta aos netinhos a história do gala – gala poeta e de outros animais.

Em relação à faceta recreativa – para além da dimensão lúdica inerente às próprias histórias – refira-se ainda o convite explícito (na contracapa) a uma intervenção dos destinatários ao nível da expressão plástica, pintando as ilustrações a traço também da autoria de João Craveirinha.

Olhemos agora para as personagens que povoam estas fábulas. Em primeiro lugar, os animais que protagonizam as histórias ou os que têm um papel relevante no desfecho da acção, são sempre animais pequenos. Mas a sua pequenez surge em oposição à sua capacidade de sobrevivência e, sobretudo, ao seu poder para conduzir a fábula a um final feliz. Facilmente encontramos aqui formas que originam uma simpatia imediata entre a criança e estes pequenos animais, nos quais ela projecta os seus desejos de acção e afirmação, interiorizando as atitudes e valores positivos que essas figuras transportam consigo. Temos igualmente os animais negativos, como seria de esperar, seguindo-se a estrutura dicotómica característica da fábula e do conto tradicional (a hiena, a cobra, o hipopótamo, entre outros), simbolizando sobretudo a agressividade não social e o exercício negativo do poder.

Uma reflexão final sobre a questão da linguagem, já que estamos em Portugal e se deseja que este livro seja também lido/ouvido por meninos e meninas das nossas escolas. Na verdade, a linguagem pode aqui constituir um elemento importante de surpresa e de descoberta: de surpresa, pelo efeito de estranheza que certamente provocam as palavras que identificam os animais, e de descoberta, porque permite um contacto com outros termos que não os da sua língua, constituindo uma interessante e motivante forma de aceder a dimensões do outro, numa abertura ao mundo de que hoje se fala muito mas que, para além disso, é realmente um desafio importante para a nossa sociedade.

Neste sentido, este livro de João Craveirinha pode certamente ser um importante contributo para uma educação multicultural ao permitir às crianças o contacto com uma linguagem e com formas narrativas que sendo em muitos aspectos familiares a outras histórias que conhecem possuem, também, ingredientes novos.

Felicito assim o autor por trazer até nós este volume e nos permitir a nós, adultos, partilhar um universo mágico que também nos convida a uma reflexão profunda sobre o mundo em que vivemos.

Lisboa 6 Outubro 2005 (Palácio Galveias)

Glória Bastos (Professora Universitária – especialista em Literatura Infantil)
